

Grupo DiversiCAPS: A inclusão e o pertencimento da população LGBTQIA+ no CAPS AD como estratégia de cuidado em saúde mental

Rosimeire A Goncalves¹

Bruna A. de Melo Moreira²

Introdução: Fundamentado na PNSI-LGBT (Portaria nº 2.836/2011), o Grupo DiversiCAPS inclui a população LGBTQIA+ em uso problemático de álcool e substâncias psicoativas (SPAs). Foi criado ao identificar que muitas destas pessoas não aderiam ao tratamento pelo público atendido ser composto majoritariamente por homens cis, heterossexuais reprodutores de preconceitos. **Relevância:** Estudos, como o da ONG Stonewall (2013), indicam que homens gays e bissexuais apresentam maior consumo de álcool e drogas comparando-se à população geral. Criou-se o grupo para acolher homens e mulheres cis, transgêneros e não binários, gays, lésbicas, bissexuais e pansexuais, proporcionando um espaço inclusivo quanto à sexualidade, ao uso de SPAs e à redução de danos. **Metodologia:** A sexualidade é abordada compartilhando-se experiências sobre identidade de gênero, orientação sexual, discriminação e violência. As SPAs usadas incluem cocaína, álcool, maconha, metanfetamina e *poppers* (utilizados na prática de *chemsex* por aumentarem a sensação de prazer, embora dificultem a libido posteriormente). **Resultados:** Inicialmente, os participantes apontaram o uso de SPAs como uma resposta a conflitos de identidade, a preconceitos, à rejeição familiar e à prostituição. Foi observado que o acolhimento reduziu tal consumo, auxiliando a formação de vínculo, a identificação de pares, o retorno ao mercado de trabalho e a melhora de relações familiares e afetivas. Esta iniciativa resultou também em articulações com a Secretaria de Saúde do município (criados grupo de trabalho pela diversidade e grupos LGBTQIA+ em outros serviços de saúde), com o SUAS (participações nas oficinas de diversidade dos CRAS) e com o Consultório na Rua.

Palavras-chave: lgbtqia+, saúde mental, álcool e substâncias psicoativas.

Perfil dos Usuários: O grupo é composto por usuários do CAPS AD que pertencem à comunidade LGBTQIA+ e fazem uso problemático de álcool e substâncias psicoativas (SPA). A maioria dos participantes são homens cis e transgêneros, mas também mulheres cis e transgêneros, pessoas não binárias, sendo elas lésbicas, bissexuais ou pansexuais com idades variando entre 26 e 52 anos. Os principais SPA usados incluem cocaína, álcool, maconha, zolpidem e crack, com padrões de consumo variando entre uso diário, semanal e abstenção. Além dos transtornos relacionados ao uso de substâncias (F19.2), temos como

¹ Autora: Psicóloga Pós-Graduada em Saúde Mental e Dependência Química FAPSS/SP/ Aconselhamento em Dependência Química UNIFESP/SP e-mail: meiregoncalves1@gmail.com

² Autora: Psicóloga Pós Graduada em Terapia Cognitivo Comportamental e Aconselhamento em Dependência química FPCS-UNIFESP. e-mail: brumoreira.contato@gmail.com

comorbidades psiquiátricas relacionadas, os transtornos de personalidades: borderline e bipolar (F60.3) e o transtorno disfórico de gênero (F64) conforme a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), onde observamos maior índice de recaídas.

Objetivo: O objetivo do grupo é proporcionar um espaço terapêutico para abordar as demandas da diversidade sexual e o uso problemático de SPA, com foco na adesão ao tratamento e na redução de danos. O grupo busca incluir a população LGBTQIA+ no CAPS AD, promovendo um ambiente acolhedor para discutir questões de sexualidade e saúde mental. A abordagem de redução de danos segue as diretrizes do Ministério da Saúde, que preconiza estratégias de cuidado para minimizar os efeitos negativos do uso de substâncias.

Justificativa: A criação do grupo é fundamentada na **Política Nacional de Saúde Integral LGBT (PNSILGBT)**, instituída pela Portaria nº 2.836/2011, que reconhece a necessidade de um cuidado inclusivo para a população LGBTQIA+ dentro do Sistema Único de Saúde (SUS). Pesquisas internacionais, como a realizada pela ONG Stonewall em 2013, indicam que homens gays e bissexuais apresentam maior prevalência no consumo de álcool e outras drogas, comparado à população masculina em geral. No Brasil, estudos apontam que jovens trans utilizam substâncias psicoativas principalmente como estratégia para lidar com estresse, discriminação e instabilidade doméstica.

Metodologia: O grupo segue um formato aberto, com rodas de conversa semanais, tendo duração de 1h30, proporcionando aos participantes se sentirem à vontade para discutir questões de sexualidade, saúde mental e experiências com drogas. O modelo de **terapia grupal inclusiva** facilita a criação de um ambiente de identificação entre os pares, contribuindo para a expressão de sentimentos e experiências íntimas. Também compreende atividades externas como ida ao MASP/SP, o lançamento da política de saúde à população LGBTQIA+ de Santo André além das articulações feitas, pelas apoiadoras, com a Secretaria de Saúde do município e com a assistência social (CRAS).

Falas dos Usuários: Os relatos dos participantes reforçam que o grupo proporciona um espaço de autenticidade e acolhimento, permitindo que questões relacionadas à sexualidade e ao uso de substâncias sejam abordadas de forma segura. Muitos relatam que o uso de drogas começou como uma tentativa de lidar com conflitos de identidade sexual, discriminação familiar e frustrações relacionadas à aceitação social e familiar. Há também discussões sobre o envolvimento em atividades de prostituição como consequência do uso de SPA, muitas vezes acompanhado de situações de violência física e emocional. Esses relatos refletem o impacto do **estigma social e da homofobia** sobre o uso de drogas, conforme descrito na literatura sobre saúde mental e minorias sexuais.

Fatores dificultadores: A Política Nacional de Saúde Integral LGBT completou 13 anos desde o seu lançamento, mas ainda enfrenta desafios significativos em sua implementação. Entre as principais barreiras que dificultam a adesão e o acesso da população LGBTQIA+ aos serviços de saúde estão as atitudes e condutas dos próprios profissionais da área. Esses entraves podem estar relacionados à falta de compreensão sobre a importância de iniciativas voltadas a essa população, ao preconceito estrutural ainda presente na sociedade e, muitas vezes, à falta de disposição dos profissionais em se aprofundar no estudo e na compreensão da história e das especificidades dessa comunidade.

Conclusão: O Grupo DiversiCAPS cumpre um papel crucial ao promover um espaço inclusivo e acolhedor para a população LGBTQIA+ no CAPS AD, enfrentando as múltiplas dimensões que envolvem o uso problemático de substâncias psicoativas, identidade de gênero, orientação sexual e os impactos do estigma social. A metodologia baseada em rodas de conversa, aliada à abordagem de redução de danos, mostrou-se eficaz não apenas na redução do consumo de substâncias, mas também no fortalecimento dos vínculos interpessoais, na reintegração social e na ressignificação das relações familiares e afetivas. Contudo, é fundamental superar barreiras estruturais, como a falta de preparo e sensibilidade dos profissionais de saúde, para garantir a adesão integral dessa população ao cuidado. A experiência do DiversiCAPS demonstra que ações inclusivas podem não apenas melhorar a saúde mental e física dos participantes, mas também estimular a ampliação de políticas públicas que contemplem a diversidade, fortalecendo a luta por uma saúde equitativa e integral no SUS.

Referências Técnicas:

1. Organização Mundial da Saúde (OMS). **Classificação Internacional de Doenças (CID-10)**. 10ª edição, 1992.
2. Ministério da Saúde (BR). **Redução de Danos: Diretrizes e Estratégias de Intervenção**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
3. Stonewall. **Gay and Bisexual Men's Health Survey**. Reino Unido: Stonewall, 2013.
4. Pelúcio, L., Miskolci, R. **Corpos em Aliança e Resistência: Juventude Trans e o Uso de Drogas**. Revista Brasileira de Estudos de Gênero, vol. 7, n. 4, 2017.
5. Krueger, R.A., Casey, M.A. **Focus Groups: A Practical Guide for Applied Research**. Sage Publications, 2015.
6. Barretto, A. **Terapia Grupal e Inclusão Social no CAPS AD**. Revista Brasileira de Terapia Grupal, 2016.
7. Moraes, M. **Saúde Mental na População LGBTQIA+: Desafios e Perspectivas**. Editora Fiocruz, 2020.
8. Meyer, I.H. **Prejudice, Social Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay, and Bisexual Populations: Conceptual Issues and Research Evidence**. Psychological Bulletin, 2003.
9. Bockting, W.O., Miner, M.H., et al. **Stigma, Mental Health, and Resilience in an Online Sample of the US Transgender Population**. American Journal of Public Health, 2013.
10. Ministério da Saúde (BR). **Política Nacional de Saúde Integral LGBT**. Portaria nº 2.836/2011.